

## 1 - De forma geral, de que maneira o senhor aborda a questão do diálogo inter-religioso no livro?

O livro se centra em uma investigação sobre a proposta de Bento XVI para o diálogo inter-religioso. Basicamente, podemos dividir as propostas em dois níveis: as condições e as finalidades para o diálogo. As condições são duas: 1- Somente as crenças que se submetem ao *Logos* podem participar do diálogo e 2- deve haver uma ação ativa para ouvir e compreender o *Logos* da religião do interlocutor. As finalidades são três: 1- conviver com as pessoas de outras religiões, 2- conhecer, de forma absoluta e relativa, os princípios das outras religiões e da própria e 3- poder mudar, livremente, de uma religião para outra. E no final do livro investigamos o pensamento do filósofo Raimundo Lúlio, do Século XIII, que defendia um pensamento semelhante ao do papa Bento XVI, mesmo em um momento histórico de forte violência religiosa.

## 2 - Como avalia que se estabelece hoje o diálogo entre as religiões, na prática, no Brasil?

Infelizmente ainda existe no Brasil de hoje o problema do cristianismo fundamentalista, como vimos em junho do ano passado quando quatro jovens evangélicos, da denominação ‘Nova Geração de Jesus Cristo’, foram presos por invadir um centro de Umbanda e quebrar imagens religiosas. Sem dúvida é uma covardia e uma violência sem tamanho. Mas no geral, acho que o Brasil tem muito a ensinar para o resto do mundo. O nosso diálogo hoje faz parte de uma boa herança cultural já estudada por Gilberto Freyre no *Casa-Grande & Senzala*. Claro que ainda temos os velhos preconceitos clássicos com relação a algumas religiões africanas, por exemplo: a tentativa por parte de alguns cristãos de converter os crentes dessas religiões africanas sem respeitar a liberdade de suas consciências, mas ainda parece que temos uma disposição positiva em relação às diferenças religiosas. Na área acadêmica, um exemplo foi o que presenciei em agosto do ano passado em um congresso Internacional de Comunicação Religiosa que ocorreu em São Bernardo, na Universidade Metodista. Houve ali um diálogo inter-religioso de respeito e até um carinho pelo outro enquanto outro. Havia lá pessoas de algumas denominações evangélicas, católicos, alguns judeus, muçulmanos e de outras religiões orientais. Cada um manteve a disposição e a razão dócil para ouvir, a amabilidade para apresentar o seu ponto de vista. Um ótimo exemplo de diálogo inter-religioso no país.

## 3 - O senhor defende que as bases do diálogo entre as religiões devem se fincar em algo que é comum a todos antes de optarem por uma religião. O que seria esse “algo comum”?

O algo comum a todas as religiões pode ser entendido de duas maneiras: o que há de comum em todos os homens devido à sua natureza humana e o que, de fato, têm em comum as religiões. No primeiro aspecto, é preciso estudar ética, antropologia filosófica, lógica e as demais ciências relativas à natureza humana, para saber em que consiste essa base comum da humanidade que chamamos natureza humana. O segundo aspecto refere-se ao que têm em comum as religiões, para assim sabermos o que uma religião precisa ter para ser aceita em um diálogo inter-religioso. Neste sentido, é estritamente necessário defender a existência de um forte vínculo das religiões com a verdade, isto é, com o conhecimento verdadeiro. Além do mais, temos que dizer que a base comum da religião passa pela base comum do homem, porque, segundo a visão de

Bento XVI, o homem é uma criatura que procura e se move pela verdade, e, portanto, deve escolher sempre a religião que entenda ser a mais verdadeira, a mais coerente. Não por motivos puramente sentimentais, como se estivesse apaixonado. Repare que não estamos fazendo uma crítica às paixões, ou ao sentimento, mas eles só não podem ser a única medida para a escolha de uma religião; podemos dizer apenas o que se diz classicamente, que eles são ótimos instrumentos, mas péssimos conselheiros.

#### 4 - Como a relação entre a fé e a razão é elucidativa nesse debate? A racionalidade pode ser um elo de ligação entre as diferentes religiões?

Praticamente todo o livro é baseado na visão de Bento XVI sobre a encíclica escrita por João Paulo II: *Fides et Ratio* – Fé e Razão. Nesta carta, o papa João Paulo II retoma uma idéia já difundida pela Igreja católica desde os primeiros séculos (embora sempre houve muitas posições contrárias, como a de Tertuliano – mas se pensamento não é considerado em sua plenitude como parte da doutrina da Igreja Católica) de que a razão e a fé não são contraditórias, mas se complementam. Segundo João Paulo II, e confirmado por Bento XVI, elas se complementam porque possuem a mesma origem, que é Deus. Pela razão, porque Ele deu ao homem tal potencialidade, e pela fé, quando a infunde no homem, enquanto virtude teologal. Neste sentido, a fé é uma adesão a uma verdade que nós não vemos, mas que acreditamos ser verdadeira por certa razoabilidade relativa à fé. Talvez eu tenha dado aqui um pulo neste aspecto, então vou tentar explicar melhor. A opção ordinária por uma fé deve se dar por uma maior compreensão da sua racionalidade; isto é, há partes na fé que são compreensíveis, como a fundação histórica dessa fé, a congruência interna da argumentação etc. Por exemplo, pode parecer óbvio, mas ninguém deveria ser cristão se pensasse que Cristo não existiu. Ou seja, se Cristo não existiu, é um absurdo dizer-se cristão; mas o filósofo Wittgenstein defende esse absurdo como algo natural, como se a religião fosse independente dos fatos concretos, como algo além da questão da verdade e (por que não?) do ser. Neste aspecto a racionalidade da fé impele o ser humano, potencialmente religioso, a escolher a sua religião de uma forma humana, isto é, racional. E com isso podemos dizer que a racionalidade se dá como elo em dois aspectos: 1- torna possível a comunicação dos homens entre si, e 2- as próprias religiões são investigadas pela sua racionalidade.

#### 5 - Como o senhor caracteriza a presumível racionalidade das fés?

A racionalidade das fés é a explicação lógica da existência dessas fés. De certo modo a sociologia e a antropologia foram muito importantes para trazer a fé para o nosso universo humano. Claro que não estou elogiando o materialismo muito difundido pela sociologia estruturalista ou pela antropologia cultural, mas destaco o aspecto de tirar a religião de uma áurea mística que impede de ser estudada ou questionada. Somos humanos, e, por mais que um Deus perfeito tenha se manifestado ao mundo, Ele se manifestou aos humanos. E por que Ele não obedeceria os princípios básicos da comunicação, de se voltar cada vez mais para o receptor? Isso parece ficar mais claro justamente naquelas religiões que afirmam Deus ter-se revelado ao mundo de alguma forma. Estamos falando, portanto, de uma comunicação divina com o homem, e por isso podemos investigar a religião racionalmente. Podemos dizer que a presumível racionalidade das fés se dá por dois motivos: 1- por ser uma comunicação de Deus ao mundo, isto é, Deus disse algo ao mundo, e o ser humano quer tentar entender adequadamente o que lhe foi dito; 2- em consequência, quem deseja compreender – o homem – é o próprio objeto da comunicação de Deus. E o ser humano deseja

compreender através do que o qualifica especificamente: a sua racionalidade. A idéia de um Deus bom justifica a comunicação da fé; e a concepção do ser humano como racional mostra que é próprio do homem compreender as coisas, – ainda que não de forma plena – sobretudo o que lhe for mais nobre e devido.

6 - Qual o risco das posições fundamentalistas, no sentido de construir uma falsa mística violenta, como se Deus fosse também violento? Quais as consequências culturais das decisões religiosas fundamentais?

Claro que hoje o termo fundamentalismo religioso é usado em muitos casos distintos e acabou se tornando um termo equívoco e problemático. Em minha opinião, fundamentalismo religioso não é defender a verdade da própria fé, mas afirmar que as outras religiões são inimigas e devem ser atacadas de qualquer forma, como se Deus quisesse a violência no mundo. E, a partir disto, estamos falando de duas grandes visões sobre Deus: 1- um Deus racional e amoroso e 2- um Deus irracional e sentimental. No primeiro aspecto, que não é fundamentalista, encontramos um Deus que é amor e razão, que congrega em si mesmo a justiça e a misericórdia, que se inclina para o mundo porque *faz questão* do mundo, porque é a sua criação. Mas age assim porque vê no mundo a sua própria Beleza, pois “vê que tudo era bom” (Gn 1, 31) por ser obra dEle.

A segunda visão vê a Deus separando nEle sua sabedoria e seu amor. Isto é, admite que Deus pode criar coisas que são absurdas ou irracionais se Ele assim o quiser, que é o mesmo que dizer que seu amor é maior que sua racionalidade. Há nisso uma diferença sutil, mas que no fim causa discursos totalmente opostos. Veja, quando se diz que Deus é racional e amoroso, que não é fundamentalismo, quer dizer que o próprio Deus se submete às leis da racionalidade. Lembre a conhecida discussão medieval de Deus poder ou não criar um círculo-quadrado, o que é uma contradição lógica. A primeira visão diz que Deus não pode criar um círculo-quadrado, não por impotência, mas porque é impossível a existência de um círculo quadrado de um modo absoluto. A segunda diz que nós não podemos limitar o poder de Deus no mundo e que ele poderia criar um círculo-quadrado, porque está além do nosso pensamento. Quer dizer, admite que o poder de Deus é maior que o seu pensar racional. A princípio, não parece haver muitos problemas com isso, mas logo vemos que a segunda visão não é humana e dá margens para outras interpretações sobre Deus e o seu querer no mundo. Por exemplo, imagine uma pessoa que acredite receber visões de Deus; como podemos saber se são de Deus ou se são alucinações? Só pensando, usando o raciocínio e comparando com uma visão ética e de justiça. Imagine se essa pessoa achar que Deus está mandando ela usar bombas sob a roupa e ir se explodir perto de civis ou de qualquer lugar. Antes, não deveríamos pensar: “será que Deus quer o suicídio? Ele quer a morte de inocentes? Ele quer a violência?” Por isso, um Deus que não fosse racional, poderia permitir qualquer coisa, inclusive a violência. E este assunto desperta o meu interesse. Fico muito grato pelo apoio do Instituto Aquinate, ao qual pertencço, por me ajudar nesta investigação. E agora, estou terminando um outro livro que estuda a relação da mística com a justiça humana, baseada do *Temor e Tremor* de Kierkegaard e na mística de são João da Cruz. O que mais me chama atenção é que são João da Cruz é considerado o maior de todos os místicos do cristianismo, mas ao mesmo tempo, se coloca com um enorme receio em relação à mística. Vou citar aqui um texto seu da *Subida ao monte Carmelo*: “As palavras e visões divinas podem, então, por essa e muitas outras maneiras, ser verdadeiras e certas e, não obstante isso, acontecer que nos enganemos a seu respeito; porque não sabemos penetrar nos altos fins e profundos sentidos que Deus nelas tem em

vista. Assim, é mais seguro e acertado exortar as almas a fugir com prudência de tais coisas sobrenaturais, acostumando-as, como dissemos, à pureza de espírito na obscuridade da fé – único meio para alcançar a união divina.” (DA CRUZ, São João. *Obras Completas*. Petrópolis: Vozes. 2ªed., 1988. p. 266) Não é que limitamos o poder de Deus no mundo, mas apenas dizemos que Deus não pode querer o mal, porque ele é a pura Bondade. E o fundamentalismo religioso extrapola a possibilidade de um Deus bom e diz que Ele pode querer, fazer e mandar a violência.

#### 7 - Na sua opinião, a partir da pesquisa e do livro, é possível o desafiante diálogo entre as consciências em um contexto de credos e de culturas religiosas diferentes?

Claro. E muito mais que possível é algo realmente muito necessário. Porque não estamos falando de algo simples, mas de algo que mexe com o âmago das pessoas, de pessoas que dedicam a vida inteira a uma religião e se dedicam a ela literalmente de corpo e alma. Para muitas pessoas, ser religioso não apenas é ir e vir de um templo, mas ser o templo, viver a própria religião como se fosse um só, o que para uns desperta uma certa admiração, e sem dúvida me parece também algo admirável. E pela grande importância da religião na vida das pessoas, e pela sua própria dignidade, o diálogo deve ser conduzido de uma maneira que respeite as consciências em seus respectivos credos. O que deve ficar totalmente claro é a não-violência na liberdade religiosa. Sobre a possibilidade do diálogo, devemos dizer que é possível, sim; mas é preciso que as pessoas estejam sinceramente abertas à verdade e queiram buscar a verdade. Neste sentido, dizemos que as pessoas devem sempre em última instância buscar a verdade, porque no fundo estão buscando a Deus. A sinceridade resolve metade dos problemas do diálogo inter-religioso, a outra metade é resolvida com a concretização desta sinceridade de buscar cada vez mais a religião mais verdadeira. Por isso, não é possível participar do diálogo inter-religioso quem não quer buscar a verdade, ou quem se move somente por idéias de prosperidade pessoal, como se não houvesse um mundo depois deste. Assim, os principais inimigos do diálogo inter-religioso são três: a violência física ou psíquica, a tentativa de colocar o sentimento como algo absoluto e de ignorar que há um mundo depois deste para o qual iremos.

#### 8 - Qual a contribuição do pensamento de Bento XVI e de Raimundo Lúlio sobre o diálogo inter-religioso? Qual o paralelo que pode ser traçado entre a visão de ambos?

A contribuição deles é focar no aspecto da razão, da racionalidade do discurso. De certa forma, não podemos dizer que eles sejam os primeiros a trabalharem com isso, pois São Justino seria um dos primeiros que desenvolveu a questão da unidade entre fé e razão. E sobre o paralelo entre ambos, devemos falar primeiro de duas coisas distintas. Sem dúvida, chama a atenção que um filósofo do século XIII queira estabelecer um diálogo entre as religiões, em um tempo marcado pela Inquisição e pelas Cruzadas. Neste sentido podemos dizer que Lúlio é um pioneiro em um tempo muito adverso. Em relação ao papa, encontramos outros tempos, talvez não tão desfavoráveis quanto o medieval, mas também com os seus problemas. Há, assim, um forte mérito para os dois, mas eu destacaria o mérito do Raimundo Lúlio por fazer a proposta em um momento histórico mais adverso. Em relação ao que há de comum é o vínculo com a razão. Ambos são grandes defensores de uma fé e uma razão que podem se unir para se complementarem. Ambos são grandes humanistas que destacam a racionalidade do homem, sem cair em um racionalismo cego, que se coloca, a priori, contra a fé.

Agradeço ao Instituto Raimundo Lúlio por me ajudar a compreender e fazer um paralelo entre os dois pensamentos.

9 - O senhor concorda com Joseph Ratzinger, quando ele afirma que o diálogo inter-religioso é impossível a menos que o crente ponha entre parênteses a sua fé? E o que podemos entender pela expressão "pôr entre parênteses a fé"?

Concordo sim. Defendemos que a segurança que o crente deve ter é a segurança de defender a verdade. A outra segurança, a que dá a fé deve-se colocar entre parênteses, para tornar possível o diálogo. "Pôr entre parênteses a fé", portanto, é não tomar as fés como base do diálogo, mas somente o que é comum: a razão. Se no início do diálogo inter-religioso o crente começa expondo o seu credo como algo absoluto e totalmente inquestionável, isso mostra que ele não está aberto ao debate, que ele busca antes aquilo que lhe dá uma certa segurança antes que a própria verdade. Assim, o papa defende que a única segurança que devemos buscar é justamente a da sincera busca da verdade e se converter para ela sempre que for necessário, mesmo que o indivíduo tenha que passar por 'n' religiões até encontrar a que lhe parecer a mais verdadeira. Colocar a fé entre parênteses é procurar ao máximo um elo que una as diferentes religiões, um algo racional, que não toma a crença como pressuposta, mas como resultado de uma justa investigação.

É isso exatamente o que fazia Lúlio. Colocava-se a disposição de judeus e muçulmanos e dizia-lhes: se me convencerem de que a vossa religião é mais verdadeira que a minha, eu me converterei à vossa. Isso não era uma postura fingida. Exigia-se exatamente o que pedia a aos outros: se os muçulmanos pensavam que um Deus não se podia encarnar ou não podia ser um e três ao mesmo tempo, pensavam assim por fé, não por razão, pois não tinham disso nenhuma prova racional. Então Lúlio dizia-lhes: vamos conversar em termos exclusivamente racionais. Assim era possível o diálogo inter-religioso.

Imagine agora um judeu conversando com um evangélico batista. Ambos devem começar este diálogo com o que há de comum entre essas duas religiões sob o aspecto primeiro da razão e só depois poderemos ir para a fé. Repare que cada relação de diálogo inter-religioso é sempre relativa às próprias religiões: varia na medida em que uma religião é semelhante ou diferente da outra. Voltemos ao caso do judeu e do batista. Ambos devem procurar ver o que há de comum, por exemplo: os 10 mandamentos, a idéia de um Deus supremo, criador do mundo, que é a pura Bondade etc. Com isso começa-se um diálogo pelo que existe de comum entre elas, colocando a fé entre parênteses. Continua-se argumentando exclusivamente em termos racionais. Na medida em que se encontra uma maior dessemelhança entre ambas crenças, teremos de buscar os aspectos mais próximos da natureza humana e por isso nos voltaremos ainda mais para a razão.

Uma vez esclarecidos os aspectos racionais comuns, temos que dar um outro passo que é o da exposição da própria fé, sem qualquer coerção. E essa exposição deve se dar com ajuda de raciocínios históricos, silogísticos, comunicacionais, enfim, tudo o melhor que a nossa razão conseguir desenvolver, para podermos pensar juntos, e ir juntos ao encontro da verdade. Assim já não será o religioso da religião A que quer converter o religioso da religião B e o contrário, mas ambos estão sinceramente em busca da verdade e, com isso, irão juntos racionalmente buscar a religião mais verdadeira, mesmo que A venha a mudar para B ou B para A, ou mesmo ambos possam mudar para C.

10 - Por que o senhor acha importante discutir essa questão no momento atual?

Sem dúvida, como já disse, por causa do problema do fundamentalismo e pela violência religiosa, e pela intolerância. Quando digo fundamentalismo, digo o que pode estar presente em qualquer religião, por certa rejeição absoluta do outro, como se o outro fosse mau. E devemos sempre nos lembrar que o outro não é um degrau, mas um fim para ser amado e também obter os frutos do encontro com Deus. Há, como falamos, o problema do ano passado dos jovens evangélicos que incendiaram um centro de Umbanda. Assim, a questão não apenas é atual, mas é bem próxima do nosso cotidiano. Há também outros casos como, recentemente, ficou mundialmente conhecido a afirmação e depois negação do Holocausto por parte de um bispo católico. Este, sem dúvida, não é um posicionamento que respeite as leis básicas da não-violência do diálogo inter-religioso, sem falar que revive uma profunda mágoa histórica sem nenhum motivo. Temos ainda o problema do terrorismo, que, algumas vezes, se relaciona com a questão religiosa. Sem falar também da questão da xenofobia que também arrasta a questão do desprezo por aquele que não é do meu país, também por possuir uma outra religião. Por outro lado, temos que ver também os aspectos negativos para se discutir tal questão. Com certeza, podemos – e devemos – aprender com a história, neste momento, que é de certa forma propício e necessário, sobretudo depois das conquistas dos direitos humanos. O que nós precisamos destacar é o número 1 do artigo 2 da declaração dos direitos humanos que diz: “Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, *religião*, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.” (destaque nosso). A conquista desta declaração assinala otimismo, sem esquecer, e sem ser ingênuo para perceber os nossos problemas religiosos.

[11 - Conhece a proposta da Fundação de Ética Mundial, do teólogo Hans Küng? Acha que ela pode contribuir nesse sentido em relação à impossibilidade do diálogo inter-religioso levantada pelo Papa Bento XVI?](#)

Eu confesso que conheço pouco a proposta da “Fundação de Ética Mundial”, do teólogo Hans Küng. Posso estar errado, mas seria uma tentativa de estabelecer as bases comuns entre as religiões para manter uma política de não-violências e defesa da dignidade humana? Se for isto, podemos dizer que é um dos possíveis passos adiante da pesquisa deste livro. Podemos dizer também que este meu estudo sobre Bento XVI seria uma visão que antecederia a fundação de uma ética mundial, porque primeiro tentaria fincar a necessidade dos religiosos de falarem uma língua comum, que é a razão. O que o papa quer mostrar é isto: as religiões devem conversar na mesma língua: a razão, e essa fundação de uma ética mundial seria, digamos, já o discurso da razão. Podemos dizer que Bento XVI quer defender de forma bem clara a necessidade de uma “gramática para as religiões”, enquanto que a afirmação de uma ética comum já seria o bom uso dessa língua por obedecer aos retos princípios da gramática.